



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 2 - 2025

Ester e Maria: Duas Mulheres Escolhidas para a Salvação do Povo

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

*“Deus confia às mulheres o mistério da esperança: em Ester e em Maria,
o amor vence o medo, e a fé transforma o destino.”*

Resumo

O presente artigo realiza uma reflexão teológico-espiritual e histórica sobre o Livro de Ester à luz da figura de Maria, Mãe de Jesus Cristo. Partindo das Escrituras, da tradição patrística e dos documentos da Igreja Católica, propõe-se uma leitura simbólica e tipológica que revela a profunda unidade do plano de Deus na história da salvação. A rainha Ester, mulher de coragem e intercessora do povo de Israel, prefigura Maria, a Mãe da nova Aliança, cuja obediência e fé abriram à humanidade o caminho da redenção. Este estudo integra a dimensão devocional e pastoral da espiritualidade mariana, oferecendo também uma mensagem de esperança e de fé aos peregrinos que trilham os caminhos do Senhor, recordando que cada passo da peregrinação é um ato de confiança e intercessão, à semelhança dessas duas mulheres eleitas por Deus.

Abstract

This article offers a theological, historical and spiritual reflection on the Book of Esther in light of Mary, Mother of Jesus Christ. Based on Scripture, Patristic tradition and Church documents, it proposes a symbolic and typological reading that reveals the deep unity of God's salvific plan in history. Queen Esther, a woman of courage and intercessor for the people of Israel, prefigures Mary, Mother of the new Covenant, whose obedience and faith opened the path of redemption to humanity. The study also integrates the devotional and pastoral dimensions of Marian spirituality, offering a message of faith and hope to pilgrims walking the ways of the Lord, reminding that each step of pilgrimage is an act of trust and intercession, after the example of these two women chosen by God.

1 – Introdução

A Sagrada Escritura revela, desde os primórdios, o protagonismo silencioso e profundo das mulheres na história da salvação. De Sara a Débora, de Rute a Ester, e culminando em Maria, Mãe de Jesus, vemos como Deus se serve da fé e da docilidade feminina para realizar Seus planos de amor. Em meio à dureza dos impérios e à arrogância dos poderosos, a voz feminina surge como eco da sabedoria divina — firme, confiante e cheia de ternura.

O Livro de Ester ocupa um lugar singular no Antigo Testamento. Diferentemente de outros livros históricos ou proféticos, sua narrativa não menciona o nome de Deus explicitamente, o que, paradoxalmente, ressalta a atuação divina nos bastidores da história humana. Essa ausência aparente revela, segundo a tradição patrística, que a Providência de Deus opera de modo silencioso, mas firme, conduzindo os eventos para o cumprimento de seu plano (Santo Agostinho)

A história se passa no contexto do Império Persa, sob o reinado de Assuero (Xerxes I), e narra a ascensão de Ester, uma jovem judia, à condição de rainha, e sua coragem ao interceder pelo seu povo diante do decreto de extermínio imposto por Hamã, ministro do rei. O relato combina intriga política, sabedoria estratégica e um profundo sentido espiritual, constituindo um convite à reflexão sobre o papel da fé, da coragem e da intercessão na história da salvação (Catecismo da Igreja Católica, §§ 1087-1088).

Ester e Maria se destacam como espelhos luminosos do cuidado de Deus com Seu povo. Ester representa o modelo da mulher intercessora que se arrisca em favor dos irmãos; Maria é a plenitude desse modelo, pois acolhe em seu ventre o próprio Salvador e, desde então, intercede por toda a humanidade. Ambas, em tempos de provação, manifestam a força da fé que nasce da confiança no Senhor.

Este artigo propõe uma leitura integral do Livro de Ester, equilibrando a análise histórico-literária e a reflexão teológica e espiritual, destacando Ester como figura simbólica da Virgem Maria e da Igreja, e como modelo de intercessão e confiança na Providência divina.

O fio que une Ester e Maria é o mesmo que conduz o peregrino em sua jornada: a esperança. Em cada caminho percorrido, o cristão é convidado a imitar sua coragem e sua entrega, aprendendo com elas que a salvação floresce na obediência e na confiança incondicional em Deus.

2 - A Mulher e o Mistério da Salvação

Desde o início da criação, Deus quis associar a mulher à sua obra redentora. No Gênesis, após a queda, o Senhor anuncia: *“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela: ela te esmagará a cabeça”* (Gn 3,15). Essa profecia primordial encontra ecos profundos tanto em Ester quanto em Maria.

Ester, em meio a um império estrangeiro, torna-se instrumento da libertação de seu povo. Sua beleza e prudência são dons a serviço de um desígnio maior: salvar Israel da destruição tramada por Hamã. Maria, por sua vez, é a “nova Eva” — aquela que, por sua obediência e fé, se torna cooperadora da redenção, esmagando a cabeça da antiga serpente pelo seu “sim” (Santo Irineu de Lião, *Adversus Haereses*, III, 22,4).



Enquanto Ester se reveste com vestes reais para apresentar-se ao rei (Est 5,1), Maria se reveste da graça divina para acolher o Rei eterno em seu seio. Ambas refletem a vocação da mulher como ícone da misericórdia, como portadora da vida e da esperança.

No Livro de Ester, o clímax da narrativa ocorre quando a rainha, movida pela fé e pelo amor a seu povo, decide entrar na presença do rei sem ser chamada — gesto que poderia custar-lhe a vida. *“Jejuai por mim, não comais nem bebais por três dias e três noites”* (Est 4,16). Sua coragem é uma prefiguração do papel de Maria, que, em Caná, intercede junto a seu Filho em favor dos noivos: *“Eles não têm mais vinho”* (Jo 2,3).

Ambas se colocam entre o povo e o poder, entre a necessidade humana e a misericórdia divina. Maria não apenas suplica; ela antecipa o milagre. É a Mãe que percebe antes do tempo, que sente o sofrimento do outro e o apresenta a Deus com ternura. São Bernardo de Claraval dirá: *“Deus quis que nada nos fosse dado senão por Maria”* (Sermão sobre a Natividade da Virgem Maria), sublinhando o papel mediador da Virgem na economia da salvação.

Ester jejuou e vestiu-se de penitência; Maria guardou e meditou tudo em seu coração (Lc 2,19). Ambas revelam que a verdadeira intercessão nasce da interioridade, da contemplação e da entrega confiante.

3 – O Contexto Histórico e Literário do Livro de Ester

O cenário persa do século V a.C. oferece um pano de fundo crucial para a compreensão da narrativa. O Império Persa era vasto, multicultural e administrado por uma monarquia absoluta, em que o rei detinha poder supremo. Ester, judia exilada em Susã, é elevada à condição de rainha de forma providencial, sugerindo que mesmo nas estruturas políticas humanas, Deus guia os acontecimentos em favor de seu povo (Dei Verbum, §12).

A literatura do Livro de Ester combina elementos históricos, narrativos e didáticos, apresentando intrigas de palácio, festividades e estratégias diplomáticas. A historicidade do texto é apoiada por tradições judaicas e fontes extrabíblicas, reconhecendo a presença dos judeus no exílio persa e sua luta pela preservação da fé e da identidade cultural.

O livro também marca seu lugar no cânon católico pela celebração da festa de Purim, que preserva a memória da salvação do povo judeu, demonstrando a interação entre história, memória e fé.

Embora o nome de Deus não apareça explicitamente, cada ação de Ester revela a presença discreta, mas decisiva, da Providência. Sua coragem, prudência e confiança no Senhor prefiguram a intercessão da Virgem Maria, cuja obediência e coragem salvam a humanidade por meio de Cristo (Lucas



1, 38). Como Ester, Maria age como mediadora silenciosa, intervindo em momentos cruciais da história da salvação (São Tomás de Aquino, Summa Theologica).

A coragem de Ester reflete a necessidade da cooperação humana com a graça divina. Ao aproximar-se do rei para interceder pelo seu povo, ela arrisca a própria vida, demonstrando fé, humildade e obediência — virtudes que ecoam na espiritualidade mariana e na missão da Igreja como mediadora de misericórdia e esperança (Santa Teresa d'Ávila, Caminho de Perfeição, cap. 27).

O livro oferece uma reflexão profunda sobre a Providência divina, a fidelidade e a intercessão. A narrativa evidencia que Deus age muitas vezes de maneira oculta, guiando os corações e os acontecimentos em favor daqueles que permanecem fiéis à sua Aliança. Ester representa a Igreja em sua missão de conduzir os fiéis à salvação, intercedendo com coragem e sabedoria em favor da humanidade.

O paralelismo entre Ester e Maria se evidencia em aspectos como: a escolha providencial, a coragem diante do perigo, a intercessão pelo povo e a confiança absoluta na ação de Deus. A leitura contemplativa do texto convida o leitor a reconhecer a presença de Deus em meio às adversidades da vida e a confiar na eficácia da oração e da intercessão (Catecismo da Igreja Católica, §§ 2685-2688).

4 - Ester: a Rainha do Silêncio e da Coragem

O Livro de Ester é uma narrativa de fé em meio à provação. Deus não é mencionado explicitamente, mas está presente em cada gesto, em cada decisão, em cada reviravolta. A rainha judia, que vive em um palácio estrangeiro, enfrenta o dilema de revelar sua identidade e arriscar a vida em favor do seu povo. *“Se eu perecer, pereci”* (Est 4,16), diz ela, entregando-se inteiramente à vontade divina.

Neste ato de total confiança, Ester torna-se figura da Igreja e de Maria, modelo da mulher que intercede e oferece sua própria vida pela salvação dos outros. Como ensina São João Crisóstomo, *“Deus se compraz em agir através dos humildes, e por uma só mulher, o povo inteiro foi libertado”* (Homilia sobre Ester).

A intercessão de Ester diante do rei Assuero é imagem profética da intercessão de Maria diante de seu Filho. Assim como Ester se revestiu de trajes reais para comparecer diante do trono, Maria se reveste de graça e pureza para apresentar à Trindade as súplicas da humanidade. Ambas se aproximam do trono com temor e amor, não por si mesmas, mas por compaixão pelos seus irmãos.

O jejum e a oração de Ester prefiguram o coração orante de Maria, que *“guardava todas essas coisas e meditava sobre elas em seu coração”* (Lc 2,19). No silêncio e na fé, ambas unem o céu e a terra.



5. Ester como Tipo de Intercessora: Análise Narrativa e Simbólica

Na leitura tipológica, Ester cumpre um papel de mediadora que preserva a vida do povo. Três traços se destacam: a coragem e risco pessoal; a intercessão comunitária; e a providência e sabedoria política.

Diante do decreto mortal, Ester assume o risco nietzscheano de “*entrar na presença do rei sem ser chamada*” (Est 4,11; 5,1). Ao fazê-lo, ela revela uma vocação própria àquela situação: “*Se morrer é necessário, que morra*” (Est 4,16, segundo algumas leituras; na Vulgata e textos tradicionais: “*irei ao rei, ainda que me seja contra a lei; e se eu perecer, pereci*”). A disponibilidade a abraçar o possível martírio configura-a como mediadora sacrificial.

Ester não age isoladamente: convoca o jejum do povo e contextualiza sua ação na solidariedade (Est 4,16). Sua mediação é maternal no sentido de cuidar por todos, assumindo a condição do povo em crise. Esta dimensão comunitária alinha-a com a noção bíblica de liderança servidora (cf. a figura do bom pastor) e com a maternidade espiritual exercida por intercessoras na história bíblica.

Por fim, a trama literária enfatiza que a salvação ocorre não por força bruta, mas por sabedoria, providência e reviravolta legal (Est 8–10). A estratégia de Ester transforma a lei mortal em instrumento de salvação. Essa “sabedoria” ecoa o papel de mulheres sábias em outros textos bíblicos (cf. Rute, Judite, Débora), que exercem liderança em contextos de crise.

No conjunto, Ester aparece como figura que conjuga coragem, intercessão e sabedoria, tornando-se paradigma de mediação que não exclui o risco e a oferecida de si mesma. Essa configuração já abre a porta para a analogia com Maria.

6 - Maria: a Mulher Vestida de Sol

Se Ester é a sombra profética, Maria é a plenitude da promessa. Na jovem de Nazaré se realiza o desígnio eterno de Deus: “*Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1,38).

A coragem de Maria supera a de todas as mulheres da Escritura. Ela acolhe o mistério do impossível — a encarnação do Verbo — e torna-se a nova Arca da Aliança, o lugar da presença divina. São Bernardo de Claraval compara o “sim” de Maria ao momento mais solene da história: “*Esperava-se a resposta de Maria; e ao seu consentimento dependia a salvação de todos*” (Homilia sobre o Evangelho).

Como Ester, Maria intercede pelo povo, mas agora como Mãe universal. Às bodas de Caná (Jo 2,1-11), ela se coloca entre a necessidade humana e o poder divino, pedindo: “*Eles não têm mais vinho.*” É o mesmo espírito de intercessão que moveu Ester, agora elevado à sua plenitude. Maria não fala muito,



mas age com delicadeza e fé. Sua presença silenciosa sustenta os discípulos no Calvário, como outrora a oração de Ester sustentou seu povo diante da morte.

Para o peregrino que caminha sob o sol e o peso da cruz, Maria é o consolo e a esperança. Ela é a “*Mulher vestida de sol*” (Ap 12,1), que acompanha cada passo e recolhe cada lágrima.

7 - Maria como nova Ester: Tipologia e Continuidade da História da Salvação

A leitura cristã tradicional — expressa pelos Padres, pela liturgia e pelo magistério — vê na história de Ester elementos que são cumpridos em Cristo e em Maria. Santo Irineu já formula a grande linha: pela desobediência de Eva entrou a morte; pela obediência de Maria veio a vida. A analogia com Ester amplia esse sentido: a mulher que salva o povo no Antigo Testamento encontra seu cumprimento na mulher que, por seu “sim”, traz o Salvador ao mundo.

O “sim” de Maria e a mediação salvadora. Ao dizer “*Eis-me aqui, a serva do Senhor*” (Lc 1,38), Maria assume uma disponibilidade que opera na história de maneira criativa e fecunda. Em Ester, vemos a disposição à morte que redime a comunidade; em Maria, a disposição à vida que engendra a redenção. Ambas são, por isso, mediadoras, cada qual em seu modo: Ester salva do extermínio político, Maria coopera com a vinda do Redentor. A espiritualidade católica chamou Maria de Mediatrix no sentido subordinado e participativo: sua mediação deriva e aponta para a mediação plena de Cristo (cf. Lumen Gentium, 62; Redemptoris Mater).

Onde Ester é literalmente rainha, Maria é verdadeiramente Mãe — de Cristo e de todos os que em Cristo são gerados. A maternidade de Maria não é meramente doméstica; é cósmica e sacramental: ela intervém, intercede e orienta a humanidade para a salvação. Papas e teólogos reiteraram que a maternidade espiritual de Maria é inseparável da mediação de Cristo (cf. João Paulo II, Redemptoris Mater).

Ambas demonstram que a verdadeira liderança e a verdadeira intercessão nascem da renúncia ao próprio conforto e da disponibilidade ao risco. Maria, no Magnificat (Lc 1,46–55), canta a inversão de valores, a exaltação dos humildes e a dispersão dos que se exaltam — uma teologia da reviravolta semelhante à providência que salva o povo em Ester.

A continuidade tipológica, portanto, não é mera semelhança literária, mas expressão da unidade do desígnio salvífico de Deus: figuras do Antigo Testamento prefiguram realizações no Novo, e as ações humanas alinhadas à vontade de Deus passam a ser sinais da sua presença.



8 - O Mistério da Intercessão Feminina

Ester e Maria revelam que o verdadeiro poder nasce da compaixão. Ambas representam a força discreta do amor, a fidelidade que transforma o destino. Deus age através da obediência e da ternura, não pela força dos impérios, mas pela fé das mulheres que se confiam a Ele.

No coração de Maria, a história de Ester encontra seu cumprimento. A rainha judia pediu pela vida temporal de seu povo; Maria intercede pela vida eterna da humanidade. Ester arriscou-se diante de um rei terreno; Maria apresenta-se diante do Rei do Universo. Ester entrou em um palácio de mármore; Maria habita o palácio do Espírito Santo.

A Igreja, em sua sabedoria, reconhece essa continuidade. No Magnificat, Maria canta a vitória dos humildes sobre os poderosos (Lc 1,51-53), o mesmo cântico de justiça e libertação que ecoa na voz de Ester. Ambas nos recordam que o caminho da salvação passa pela confiança total na misericórdia de Deus.

9 - Dimensão Teológica e Espiritual

Teologicamente, Ester é tipo (figura antecipatória) de Maria. Ambas são medianeiras em diferentes momentos da história da salvação. Ester prefigura a libertação temporal de Israel; Maria, a libertação espiritual da humanidade.

O Catecismo da Igreja Católica (n. 969) ensina: *“A Santíssima Virgem é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro e Medianeira.”* A função intercessora de Maria é, pois, o cumprimento perfeito da figura de Ester, que implora misericórdia diante do trono.

Na espiritualidade cristã, essa tipologia é celebrada na liturgia e na devoção popular. A oração do Rosário, por exemplo, é um eco do mesmo movimento de intercessão e confiança que marcou Ester: a súplica insistente que move o coração do Rei.

10 – Conclusões: Duas Mulheres, uma Única Esperança

Ester e Maria são duas mulheres erguidas pela graça divina para salvar o povo. A primeira, no palácio de Susã; a segunda, no humilde lar de Nazaré. Ambas viveram a mesma entrega: oferecer a própria vida para que o povo vivesse.

Na figura de Ester, Deus preparou a sombra do que haveria de vir; em Maria, revelou a plenitude do seu amor. A rainha que suplicou por Israel antecipa a Rainha do Céu que intercede por toda a humanidade.

Ao ler Ester com olhos marianos, o leitor cristão testemunha a continuidade do plano salvífico e descobre na figura feminina um espelho da maternidade divina que protege, intercede e conduz.



No paralelo entre Ester e Maria reconhece-se a continuidade da história da salvação: “*Como por uma mulher entrou a morte, assim também por uma mulher veio a vida*” (Santo Irineu, *Adversus Haereses* III,22). Maria, nova Eva e nova Ester, é o coração da nova criação, a Mãe que intercede incessantemente por seus filhos.

Que os peregrinos da esperança, ao contemplarem essas duas mulheres, aprendam que a salvação é sempre um ato de fé, coragem e ternura. E que, no coração de Maria, cada fiel encontre a mesma confiança que sustentou Ester diante do rei: a certeza de que “*quem confia no Senhor jamais será confundido*” (Sl 24,3).

11 – Referências Bibliográfica

AQUINO, São Tomás de. *Summa Theologica*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/summa/3026.htm>
Acesso em: 25/09/2025.

ÁVILA, Santa Teresa de. *Caminho de Perfeição*. São Paulo: Cultor de Livros. 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.

BERGOGLIO, Jorge Mario (PAPA FRANCISCO). Homilia de 1º de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papafrancesco_20150101_homilia-giornata-mondiale-pace.html Acesso em: 12/09/2025.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola. 2000.

CLARAVAL, São Bernardo de. *Sermões sobre a natividade da virgem Maria*. Disponível em: <https://deg.paulus.com.br/7315.pdf> Acesso em: 10/08/2025.
_____. *Homilia sobre a Anunciação*. Disponível em: <https://pilulasliturgicas.blogspot.com/2021/03/homilia-solenidade-da-anunciacao-do.html> Acesso em: 25/09/2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium (Dogmatic Constitution on the Church)*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em: 05/10/2025.

HIPONA, Santo Agostinho de. *A Virgindade Consagrada*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357634414/Santo-Agostinho-A-Virgindade-Consagrada> Acesso em: 12/10/2025.

LIÃO, São Irineu de. *Adversus Haereses* (Livro III). Disponível em: <http://centroculturalcampogrande.pt/patristica/pdfs/ireneu.liao.contra.heresias.iii.livro.pdf> Acesso em: 10/09/2025.

LIGÓRIO, Santo Afonso de. *As glórias de Maria*. 24.ed. Aparecida/SP: Santuário, 1989.

LOPES, Hernandes Dias. *Ester. A rainha da Pérsia*. São Paulo: Hagnos. 2025.



RATZINGER, Joseph. (PAPA BENTO XVI). *A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Audiência Geral*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120314.html Acesso em: 25/09/2025.

RATZINGER, Joseph (PAPA BENTO XVI).; BALTHASAR, Hans Urs. *Maria, primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2004.

WOJTYLA, Karol Józef (SÃO JOÃO PAULO II). *Redemptoris Mater* (1987). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html Acesso em: 30/09/2025.



Peregrino da Esperança